



ANÁLISE DO PERFIL DE PRATICANTES DE ATIVIDADES FÍSICAS EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA COM INTERESSE POR ESCALADA ESPORTIVA INDOOR

Rafael Tuler Ramalho
Iula Lamounier Lucca

Centro Universitário do Leste de Minas – Brasil

Resumo: A escalada esportiva *indoor* (EEl) pode ser realizada em academias de ginástica, sendo importante que se conheça o interesse das pessoas por essa modalidade. Assim, o presente estudo teve como objetivo investigar o perfil dos praticantes de atividades físicas em academias de ginástica de Ipatinga (MG) – Pafag-I – e o interesse deles por EEl. Para tanto, 120 voluntários de quatro academias – A (n = 30 idade $24 \pm 5,7$ anos), B (n = 30; $30 \pm 10,8$ anos), C (n = 30; $33 \pm 9,7$ anos) e D (n = 30; $32 \pm 12,9$ anos) – responderam a dois questionários. Após estatística descritiva, obteve-se o seguinte resultado: 60% do público é do sexo masculino; 66% têm entre 18 e 30 anos; 52% têm curso superior; 55% têm menos de um ano de matrícula; 83% praticam musculação; 60% só realizam atividades na academia; 54% estão interessados em praticar EEl. Conclui-se que os Pafag-I são jovens do sexo masculino, têm curso superior, e são novatos na academia; além disso, a maioria se interessa por EEl.

Palavras-chave: esporte de aventura; esportes radicais; análise de mercado.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, percebe-se que, paralelamente ao progresso tecnológico, tem ocorrido um afastamento do homem em relação à natureza. Tal fato contribuiu para que as cidades fiquem cada vez mais apertadas, o que leva à diminuição do leque de possibilidades de movimentos no cotidiano humano (ZIMMERMANN, 2006).

No entanto, Samulski e Noce (2000) defendem a importância de o indivíduo ter hábitos saudáveis para o combate aos agravos causados pela forma de vida urbana atual e percebem uma maior divulgação desses benefícios para a sociedade, o que estimula a procura por atividades físicas. De acordo com Costa (2007 apud PAIXÃO; COSTA; GABRIEL, 2009), atualmente a criatividade humana multiplica as

possibilidades, e surgem novas modalidades de atividades físicas a cada instante, crescendo em escala, ainda maior, as atividades ligadas à natureza.

Nesse contexto, surgiram os esportes radicais que, em função do ambiente no qual são praticados, são classificados em aquáticos, aéreos e terrestres, cuja característica comum é “o gosto pelo risco e pela aventura” (UVINHA, 2001, p. 21). Entre estes, a escalada em falésias rochosas, inicialmente praticada por alpinistas, modificou-se ao longo do tempo, conquistando novos adeptos e a possibilidade de prática em locais fechados (BERTUZZI et al., 2007), gerando as modalidades de escalada esportiva (EE) e escalada esportiva *indoor* (EEI).

A EE caracteriza-se por apresentar vias ou trechos de escalada que têm de 8 a 50 metros de altura. As primeiras rotas em rocha surgiram na Rússia, na década de 1960, como método de treinamento para os escaladores de altas montanhas. Na década de 1980, na Itália, foram construídas as primeiras rotas em paredes artificiais, o que possibilitou a prática independente das condições ambientais. Essa modalidade ficou conhecida como EEI por ter crescido nos Estados Unidos, onde era realizada em ginásios fechados (BERTUZZI et al., 2001). Nos últimos anos, a prática de EEI tem aumentado também no Brasil, despertando o interesse do público geral (RESENDE JR., 1999).

É importante ressaltar que, embora a EEI tenha surgido com intuito de treinamento dos montanhistas, a prática dessa modalidade proporciona melhoria das capacidades físicas, o que é benéfico a outros indivíduos.

No projeto elaborado pelo Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp (Geeu), para a construção de um muro de escalada esportiva na área do *campus* universitário, foram citados os diversos benefícios da prática da escalada. Segundo Dias et al. (2007), essa modalidade esportiva desenvolve flexibilidade, força muscular, melhoria geral do sistema cardiorrespiratório, evolução ou integração sensório-motora (que acontece por meio do sistema nervoso central), autodisciplina, confiança, entre outros aspectos.

Nesse sentido, um estudo que analisou as características antropométricas de escaladores de elite (EE $n = 12$) e escaladores intermediários (EI $n = 8$) que praticavam predominantemente EEI evidenciou um percentual de gordura dos EE = $6,7 \pm 3,4\%$ e dos EI = $10,5 \pm 4,8\%$ (BERTUZZI et al., 2001). Apesar da diferença entre os percentuais ($p < 0,05$), ambos estão em uma faixa adequada à saúde, indicando que a modalidade pode contribuir para a manutenção de uma boa composição corporal do praticante.

Noutra pesquisa, a força máxima de preensão manual foi comparada entre escaladores de elite (EE $n = 10$) e recreacionais (ER $n = 10$). Os ER alcançaram, respectivamente, nas mãos dominantes e não dominantes, valores de $46,5 \pm 7,2$ kgf

e $41,9 \pm 5,6$ kgf, médias menores ($p < 0,05$) que as obtidas pelos EE: $52,4 \pm 7,5$ kgf e $50,7 \pm 8,1$ kgf (BERTUZZI; FRANCHINI; KISS, 2005). Tais resultados indicam que o treino de EEI pode contribuir para a melhoria de força de preensão manual.

Outros grupamentos musculares também são exigidos durante a modalidade. Esse fato foi evidenciado em estudo que comparou a resistência de força de membros superiores entre escaladores profissionais (EP, $n = 10$), recreativos (ER, $n = 10$) e um grupo de não escaladores (NE, $n = 10$). Os EP realizaram maior quantidade de flexões de braços na barra fixa $16,2 \pm 7,2$ ($p < 0,05$) que os demais grupos ER = $3,0 \pm 9,0$ e NE = $3,9 \pm 3,9$ (GRANT et al., 1996), indicando que a prática profissional da modalidade promove grande melhoria de força da musculatura de braços e costas, exigidas no teste em questão. Considerando que os NE eram indivíduos fisicamente ativos que realizavam, regularmente, ciclismo, corrida e outras atividades com intuito de manter a aptidão física, o fato de não serem encontradas diferenças entre os grupos ER e NE ($p > 0,05$) é satisfatório.

Quanto ao esforço cardiovascular, pesquisa que analisou a demanda energética de escaladores profissionais (EP, $n = 6$) e recreacionais (ER, $n = 7$) evidenciou médias de consumo de oxigênio entre $23 \pm 5,2$ e $31,3 \pm 8,0$ mlO₂/kg/min durante ascensão em rotas fáceis, médias e difíceis. Um interessante dado demonstrado foi que os ER possuíam VO_{2 máx} de $35,5 \pm 5,2$ mlO₂/kg/min e que seu consumo médio de oxigênio durante a rota fácil foi de $30,3 \pm 7,7$ mlO₂/kg/min (BERTUZZI et al., 2007). Tais resultados mostram que a intensidade de tal esforço pode ser de 85% da capacidade aeróbia máxima, evidenciando que a EEI pode ser usada para estimular melhoria cardiorrespiratória em praticantes recreacionais.

Percebe-se então que a EEI pode contribuir para a saúde e o bem-estar dos praticantes, sejam estes atletas ou não. Considerando que a falta de tempo e a urbanização são características do mundo atual que dificultam a realização de atividades na natureza, a EEI surge como um novo nicho de atuação para o profissional de Educação Física que tenha experiência em esportes de aventura e queira tornar-se um empreendedor na área.

Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar o perfil dos praticantes de atividades físicas em academias de ginástica de Ipatinga (MG) e investigar o interesse deles pela prática de EEI, de modo a contribuir para análise da viabilidade da construção de muros de escalada em tais estabelecimentos.

MÉTODOS

Este estudo transversal com intuito descritivo e exploratório utilizou abordagem quantitativa, e a coleta de dados foi realizada em campo, em outubro de 2012.

Os voluntários foram recrutados, por conveniência, em quatro academias da cidade de Ipatinga (MG). Essas academias foram selecionadas por terem espaço para a construção de um muro de escalada. Os proprietários, após contato prévio e cientes do projeto, autorizaram a realização da pesquisa. Na época, as academias A, B, C e D tinham, respectivamente, 252, 497, 284 e 433 alunos. O cálculo amostral foi realizado pela fórmula:

$$n = (N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)) / (Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1))$$

em que N = população; Z = 1,96 que corresponde ao nível de confiança de 95%; p = 50% adotado para probabilidade de ocorrências desconhecidas; o erro amostral tolerado (e) foi de 8,5% para a amostra total e de 17 a 17,5% para amostras de cada academia.

Após observação dos critérios de inclusão – idade mínima 18 anos e estar matriculado como aluno da academia –, a amostra (n = 120) foi composta por voluntários de ambos os sexos das academias: A (n = 30 idade 24 ± 5,7 anos), B (n = 30 idade 30 ± 10,8 anos), C (n = 30 idade 33 ± 9,7 anos) e D (n = 30 idade 32 ± 12,9 anos). Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo resguardado aos voluntários e proprietários das academias o direito de abandono da pesquisa a qualquer momento, bem como de anonimato.

Foi elaborado pelos pesquisadores um filme com duração de 50 segundos, sem sonorização, contendo apenas uma sequência de fotos referentes à EE e EEI. Os voluntários assistiam ao filme em um *notebook* (Pavilion g6-2010nr HP®) para que se familiarizassem com a modalidade e depois respondessem às questões propostas.

Assim, os voluntários eram abordados pelo pesquisador nas academias que frequentavam, onde os objetivos e procedimentos do estudo eram explicados. Quando optavam pela participação, assinavam o TCLE, assistiam ao filme e então preenchiam os questionários.

Os dados foram obtidos por meio de dois questionários elaborados pelo pesquisador. Para identificar a necessidade de melhorias e do tempo do preenchimento, as primeiras versões de tais instrumentos foram submetidas a um estudo piloto com dez estudantes de Educação Física, maiores de 18 anos. Não foram identificadas dupla interpretação nem dificuldade de compreensão das questões. Contudo, percebeu-se a necessidade de acréscimo de opções de respostas em duas questões objetivas. O tempo médio verificado como necessário ao preenchimento dos dois questionários foi de sete minutos.

- *Questionário 1 sobre o perfil do voluntário:* composto por cinco questões objetivas sobre sexo, nível de escolaridade, tempo de matrícula na academia, modalidades esportivas praticadas e prática de atividades físicas fora da academia, além de duas questões abertas em que os participantes deveriam citar a data de nascimento e as atividades praticadas fora da academia.
- *Questionário 2 sobre o interesse por esporte de aventura e EEI:* composto pelas seguintes questões objetivas:
 1. Já praticou algum esporte de aventura?
 2. Conhece alguém na região do Vale do Aço que pratica esporte de aventura?
 3. Tem algum interesse em praticar esportes de aventura?
 4. Você conhecia a EE antes de assistir ao filme?
 5. Já praticou EE?
 6. Tem interesse em praticar EE?
 7. Você conhece a EEI?
 8. Conhece os benefícios da EEI para a saúde e o treinamento?
 9. Gostaria de praticar EEI?

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, sendo calculados valores percentuais, médios e desvios padrão pelo programa Excel para Windows versões 2007 e 2010.

RESULTADOS

Quanto ao perfil dos praticantes de atividades físicas em academias de ginástica de Ipatinga (MG) – Pafag-I –, identificou-se que, dos 120 voluntários, 72 (60%) eram do sexo masculino e 48 (40%) do sexo feminino. Quanto à faixa etária, foram identificados 15 voluntários (12,5%) com idade até 20 anos; 39 voluntários (32,5%) entre 21 e 25 anos; 25 voluntários (20,8%) entre 26 e 30 anos; 14 sujeitos (11,7%) entre 31 e 35 anos; 11 entrevistados (9,2%) entre 36 e 45 anos; e 16 voluntários (13,3%) com 46 anos ou mais. Quanto ao nível de escolaridade, 63 voluntários (52,5%) possuíam nível superior, 55 (45,8%) nível médio e apenas dois (1,7%) nível fundamental.

Com relação ao tempo em que os voluntários frequentavam as academias, constatou-se o seguinte: 51 sujeitos (42,5%) eram alunos havia seis meses ou menos, 16 (13,3%) entre dois e 12 meses, 27 (22,5%) entre um e dois anos, 17 (14,2%) de dois a cinco anos e sete (5,8%) de cinco a dez anos; apenas duas pessoas (1,7%) frequentavam a academia havia mais de dez anos.

Quanto às atividades praticadas na academia, os voluntários poderiam marcar mais de uma. Observou-se maior frequência de prática única da musculação, por

um total de 100 voluntários (83,3%). Praticantes de musculação e ginástica localizada foram cinco voluntários (4,2%); de musculação e dança, quatro (3,3%); musculação e lutas, dois (1,7%); musculação e corrida, dois (1,7%); voluntários que praticavam apenas lutas eram seis (5%); enquanto um voluntário (0,8%) praticava somente dança.

No que se refere ao local onde realizavam atividades físicas regulares, foi evidenciado que 72 voluntários, 60% da amostra, exercitavam-se somente na academia. O restante da amostra realizava, noutros ambientes, diferentes modalidades: corrida praticada por 18 pessoas (15%); futebol por dez pessoas (8,3%); ciclismo por sete sujeitos (5,8%); caminhada por três voluntários (2,5%); *sanshou*, handebol e natação eram praticados por duas pessoas cada (1,7%); judô, boxe, peteca e jiu-jítsu por uma pessoa cada (0,8%).

O estudo analisou também a vivência de esporte de aventura (EA) e EE e o conhecimento prévio dos voluntários sobre essas modalidades. Constatou-se que, em todas as academias, a maioria dos voluntários (68,1%) nunca tinha praticado EA e que o percentual médio de entrevistados que conheciam alguém que praticava a modalidade foi de 52,5%. A pesquisa revelou que 81,7% dos voluntários tinham algum tipo de conhecimento a respeito do EA e apenas 18,3% desconheciam essa modalidade. Quanto à EEI, os dados revelaram que 45,8% tinham algum tipo de conhecimento sobre a modalidade, enquanto 54,2% afirmaram desconhecer-lá. Ao serem indagados sobre os benefícios da EEI para a saúde e o treinamento, apenas 28,3% afirmaram conhecê-los.

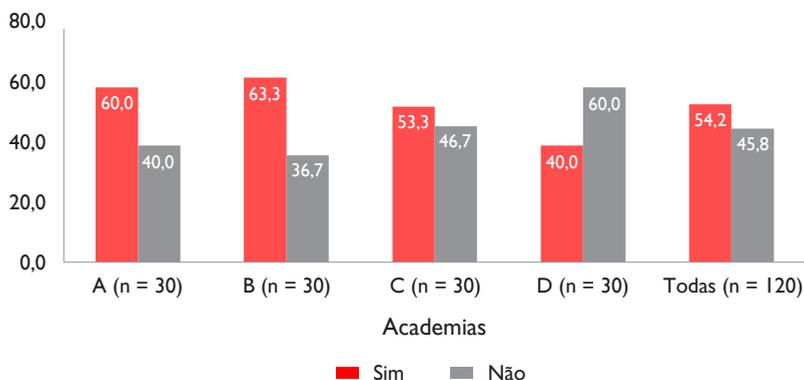
Quanto ao interesse dos voluntários por EA, 79 sujeitos (academia A: 22; B: 24; C: 17 e D: 16), o que correspondeu a 65,8% do total da amostra, desejavam praticar a modalidade.

Com relação ao interesse dos pesquisados em participar de EE, 66 voluntários (55%) responderam afirmativamente: 17 na academia A, 19 na B, 17 na C e 13 na D.

O Gráfico 1 evidencia que 65 voluntários (54,2%) estavam interessados em praticar EEI. Na academia A, havia 18 (60%) interessados – 12 (40%) queriam praticar a modalidade um dia por semana, cinco (16,6%) reservariam dois dias e um voluntário (3,3%) se exercitaria três dias por semana. Na academia B, havia 19 (63,3%) interessados – 14 (46,7%) gostariam de praticar a atividade uma vez por semana, quatro (13,3%) sinalizaram dois dias e uma pessoa (3,3%) gostaria de praticá-la três dias por semana. Na academia C, havia 16 (53,3%) interessados – 15 (50%) pessoas gostariam de praticar a EEI uma vez por semana, e uma (3,3%), três dias. Na academia D, havia 12 (40,0%) interessados – oito (26,7%) e quatro (13,3%) com interesse em praticar uma e duas vezes por semana, respectivamente.

Gráfico I

Distribuição percentual da amostra de cada academia e da amostra total quanto ao interesse em praticar EEI (n = 120)



Fonte: Elaborado pelos autores.

A Tabela I ilustra o perfil dos voluntários que demonstraram interesse em praticar EEI, cuja idade média é de $26,5 \pm 6,2$ anos, sendo 31,8% do sexo feminino e 68,2% do masculino.

Tabela I

Sexo e média de idade dos voluntários interessados em praticar EEI (n = 65)

Academia	Sexo		Idade (anos) Média \pm DP
	F%	M%	
A (n = 18)	Feminino: 27,8%	Masculino: 72,2%	22,1 \pm 2,2
B (n = 19)	Feminino: 36,9%	Masculino: 63,1%	28,3 \pm 9,4
C (n = 16)	Feminino: 43,8%	Masculino: 56,2%	29,7 \pm 8,2
D (n = 12)	Feminino: 25,0%	Masculino: 75,0%	26,0 \pm 5,0
Total (n = 65)	Feminino: 31,8%	Masculino: 68,2%	26,5 \pm 6,2

Fonte: Elaborada pelos autores.

DISCUSSÃO

Os dados do presente estudo indicaram maioria masculina (60%) entre os praticantes de atividades físicas em academias de ginástica de Ipatinga (MG), sendo tal público predominantemente jovem (66% entre 18 e 30 anos de idade). Quanto à escolaridade, 52,5% dos sujeitos possuíam ensino superior. Quando se compararam tais resultados ao estudo de Zanette (2003) que analisou o perfil de frequentadores (n = 350) de 48 academias em São Paulo (SP), percebeu-se semelhança do perfil

quanto à faixa etária, pois o autor identificou que 77% de tais indivíduos tinham até 30 anos de idade. No entanto, quanto ao gênero e à escolaridade, os resultados do estudo de São Paulo diferem da presente pesquisa. Na capital paulista, identificou-se predominância do sexo feminino (56%) e apenas 20% de matriculados na academia com ensino superior. Contudo, Frizon, Macedo e Yonamine (2005) pesquisaram o uso de esteroides por praticantes de atividades físicas das academias de Erechim e Passo Fundo (RS) (n = 262) e evidenciaram que 62,7% dos voluntários cursaram o ensino superior, resultado semelhante ao do presente estudo.

Em relação ao tempo de matrícula dos voluntários nas academias, esta pesquisa evidenciou uma predominância de novatos (55,3% menos de um ano e 44,7% mais de um ano). Zanette (2003), em um dos resultados apresentados em seu trabalho, demonstra que 70% de sua amostra frequentou mais de uma academia, e, desse grupo, 57% fizeram isso em menos de um ano e 43% em mais de um ano. Assim, tal autor identificou a presença de uma relativa rotatividade entre os alunos das academias, o que, talvez, também ocorra em Ipatinga (MG).

A maior parte dos voluntários deste estudo frequenta a academia para a prática de musculação (94,3%), dos quais poucos realizam também outras atividades. Esses dados são coerentes com as pesquisas de Lollo (2004) e Frizon, Macedo e Yonamine (2005) que evidenciaram que a musculação era praticada por 96,8% dos frequentadores de academias em Campinas (SP) e por 73,9% dos frequentadores de academias de Erechim e Passo Fundo (RS).

Do total da amostra, 60% praticavam atividades somente dentro das academias, dado interessante encontrado neste estudo, que indica a importância da oferta de novas modalidades que possam despertar o interesse desses voluntários. Considerando que a maioria pratica musculação e que provavelmente busca a melhoria de força, a EEI seria uma alternativa de treinamento que poderia atrair esses indivíduos, pois Bertuzzi, Franchini e Kiss (2005) e Grant et al. (1996), em suas pesquisas, indicam que a EEI pode contribuir para ganhos de força nos grupamentos musculares de mãos, braços e costas.

Os dados indicaram que apenas 31,9% dos entrevistados afirmaram já ter praticado EA e que 52,5% conheciam alguém que praticava essa modalidade. Considerando que essa atividade é relativamente recente, esses resultados são satisfatórios. De acordo com Spink, Medrado e Mello (2002), é possível perceber o crescimento dos esportes radicais como consequência da maior visibilidade deles na mídia nacional. Percebeu-se também que 81,7% conheciam EEI e apenas 45,8% conheciam EEI antes de assistirem ao filme apresentado. Contudo, 71,7% dos voluntários afirmaram desconhecer os benefícios da EEI para a saúde e o treinamento. Portanto, há a necessidade de uma maior divulgação da EEI a fim de torná-la mais conhecida, o que

pode aumentar o número de interessados pelo referido esporte e contribuir para a viabilidade da instalação de muros de EEI em academias da região.

Nesse contexto, Mermier et al. (1997) compararam as respostas fisiológicas de escaladores em rota fácil (RF), moderada (RM) e difícil (RD), e identificaram um consumo médio de oxigênio ($\text{mlO}_2/\text{kg}/\text{min}$): RF = $20,7 \pm 8,1$; RM = $21,9 \pm 5,3$; RD = $24,9 \pm 4,9$. Embora a RD tenha sido mais intensa ($p < 0,05$) que a RF, os autores concluíram que a modalidade realizada em todas as rotas é adequada para o treino aeróbio. Bertuzzi et al. (2007) também mostram evidências de que a EEI pode acarretar melhoria aeróbia, pois perceberam que esse sistema energético é bastante exigido durante a modalidade. Já os estudos de Bertuzzi, Franchini e Kiss (2005) e Grant et al. (1996) chamam a atenção para a melhoria de força e resistência muscular que a EEI pode proporcionar.

O interesse demonstrado pelos voluntários pela prática de EA (65,8%) é coerente com o crescimento dos esportes na natureza e das modalidades de risco-aventura, fenômenos característicos da sociedade contemporânea, mencionados por Spink, Medrado e Mello (2002). A maior parte da amostra estava também interessada em praticar EE (55%), o que está de acordo com Resende Jr. (1999) que comenta, em seu projeto para instalação de muros de escalada em escolas de Porto Alegre (RS), que o número de participantes aumentou de próximo a zero em 1991 para 140 em sete anos. Schweizer (2012) também afirma que a escalada em rocha, especificamente o *boulder*, que envolve escaladas em baixas alturas, tornou-se muito popular nos últimos 25 anos.

É importante observar que o percentual de voluntários interessados em praticar EA foi maior do que o daqueles que gostariam de realizar EE, o que nos permite afirmar que outras atividades de EA também interessam a esses indivíduos. Esse fato indica a possibilidade de nicho de mercado para outras modalidades de EA, sendo necessários mais estudos para identificá-las.

Nota-se que existem interessados em praticar EEI nas quatro academias pesquisadas (Gráfico 1). Em todas, a maioria dos interessados deseja fazer EEI apenas uma vez por semana, assim se acredita que o objetivo de prática de tais indivíduos seja recreativo. Pereira e Manoel (2008) analisaram o treinamento de escaladores de competição do Estado de São Paulo e constaram que o treino com frequência de duas vezes por semana é considerado amador ou recreativo.

Embora os percentuais de interessados nas academias tenham variado (Gráfico 1), os estabelecimentos encontram-se em empate técnico, uma vez que o presente estudo assumiu um erro amostral de 17% a 17,5%. Contudo, a academia B poderia ser uma escolha estratégica para a implantação de um muro de escalada, pois, além de apresentar o percentual mais alto de interessados – 63,4% –, possui o

maior número de alunos – 497 –, o que pode contribuir para maior número de praticantes de EEI, mesmo considerando o erro amostral do estudo. Além disso, tal academia tem localização de fácil acesso para os interessados das outras três academias. No entanto, a viabilidade financeira de tal empreendimento ainda precisa ser verificada.

Da amostra de 120 pessoas, 65 (31,8% mulheres, 68,2% homens), com média de idade de $26,5 \pm 6,2$ anos, demonstraram interesse em praticar EEI (Tabela 1). Quando se compara o perfil de tais voluntários com o de praticantes citados por outros pesquisadores, percebem-se semelhanças. Pereira e Manoel (2008) encontraram média de idade de 23,8 anos e maioria masculina (57,1%) entre os escaladores competitivos. Mermier et al. (1997) identificaram, em sua amostra de 14 escaladores, 64,3% de homens e 35,7% de mulheres com média de $28,4 \pm 8,6$ anos de idade. César et al. (2007) pesquisaram escaladores recreacionais que eram homens com idade média de $26,9 \pm 5,1$ anos. Bertuzzi et al. (2001) apontaram média de $23,6 \pm 5,4$ anos para escaladores de elite e $23,8 \pm 8,1$ anos para escaladores intermediários, todos do sexo masculino. Pode-se inferir que existe probabilidade de os interessados aderirem à EEI, pois o perfil deles é semelhante ao dos escaladores entrevistados pelos pesquisadores citados.

Este estudo apresentou algumas limitações, como o erro amostral de aproximadamente 17% em cada academia e a falta de identificação dos objetivos dos voluntários ao realizarem as atividades físicas. No entanto, os percentuais de interessados em praticar EEI encontrados neste estudo sinalizam para a viabilidade da construção de muros artificiais nas academias pesquisadas, assim como acontece noutras cidades, pois Sartorato e Sperandei (2009) evidenciaram 540 adeptos da modalidade em uma única academia de ginástica do Rio de Janeiro (RJ). Além de atender aos praticantes, a instalação de uma parede de escalada esportiva em uma academia tem um grande apelo visual e pode ser um diferencial em termos de *marketing*, atraindo novos alunos, o que pode contribuir para o crescimento da academia que adotar essa nova modalidade.

CONCLUSÃO

Os resultados indicam que os praticantes de atividades físicas em academias de Ipatinga (MG) são predominantemente jovens, do sexo masculino, com nível superior, matriculados há menos de um ano, que realizam exercícios físicos somente na academia, sendo a musculação a modalidade mais praticada por eles.

Verificou-se a existência de interessados pela prática de EEI nas quatro academias pesquisadas, o que indica viabilidade de instalação de um muro de escalada em uma

delas. A academia B pode ser a melhor opção por apresentar maior número de alunos, porém tal fato necessita ser confirmado por análise de viabilidade financeira.

Em termos acadêmicos, este trabalho contribuiu para uma maior discussão sobre EEI, tema novo e que carece de mais estudos, especialmente aqueles que possam identificar benefícios da modalidade para o praticante amador.

ANALYSIS OF THE PROFILE OF INDIVIDUALS WHO PRACTICE PHYSICAL ACTIVITIES IN FITNESS CENTERS AND THAT ARE INTERESTED IN INDOOR ROCK CLIMBING

Abstract: The indoor rock climbing (IRC) can be performed in fitness centers, hence it's important to know the people's interest in this modality. Thus, the goal of the present study was to investigate the profile of people who workout in fitness centers (PWFC) in Ipatinga city and their interest in practice IRC. Therefore, we recruited 120 volunteers at four fitness center A (n = 30; age = 24 ± 5.7 years old), B (n = 30; 30 ± 10.8 years old), C (n = 30; 33 ± 9.7 years old) and D (n = 30; 32 ± 12.9 years old) and requested them to answer two questionnaires. A descriptive analysis of these data was performed. The results indicated that 60% of PWFC were male, 66% were between 18 and 30 years old, 52% were college graduates, 55% were enrolled in the gym for less than one year, 83% have practiced only bodybuilding, 60% have not been engaged in outdoor activities, and 54% would like to practice IRC. We conclude that the PWFC are young, male, college-educated, gym beginners and that most of them would like to practice IRC.

Keywords: adventure sport; radical sports; market analysis.

REFERÊNCIAS

BERTUZZI, R. C. M.; FRANCHINI, E.; KISS, M. A. P. D. Análise de força e da resistência de preensão manual e as suas relações com variáveis antropométricas em escaladores esportivos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 87-93, 2005. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/616/628>>. Acesso em: 10 set. 2012.

BERTUZZI, R. C. M.; FRANCHINI, E.; KOKUBUN, E.; KISS, M. A. P. D. Energy system contributions in indoor rock climbing. **European Journal Applied Physiology**, v. 101, n. 3, p. 293-300, 2007.

BERTUZZI, R. C. M.; GAGLIARDI, J. F. L.; FRANCHINI, E.; KISS, M. A. P. D. Características antropométricas e desempenho motor de escaladores esportivos brasileiros de elite e intermediários que praticam predominantemente a modalidade *indoor*. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 7-12, 2001.

CÉSAR, E. P.; SANSÃO, D. B.; SANTOS, T. M.; DANTAS, E. H. M. Características antropométricas e fisiológicas de escaladores recreacionais *indoor*. **Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 18-32, 2007. Disponível em: <<http://vomer2.eefd.ufrj.br/~revista/index.php/EEFD/article/view/98/67>>. Acesso em: 18 ago. 2012.

CORTES, S. M. V. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. In: NEVES, C. E. B.; CORRÊA, M. B. (Org.). **Pesquisa social empírica: métodos e técnicas**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1998, p. 11-47.

DIAS, C. B.; MARSKI, D. A.; BANNWART, F. C.; MOURA, L. F. M. Projeto de utilização do ginásio poliesportivo para a construção de um muro de escalada esportiva. ago. 2007.

FRIZON, F.; MACEDO, S. M. D.; YONAMINE, M. Uso de esteróides andrógenos anabólicos por praticantes de atividade física das principais academias de Erechim e Passo Fundo/RS. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 26, n. 3, p. 227-232, 2005. Disponível em: <http://200.145.71.150/seer/index.php/Cien_Farm/article/view/428/411>. Acesso em: 8 nov. 2012.

GRANT, S.; HYNES, V.; WHITTAKER, A.; AITCHISON, T. Anthropometric, strength, endurance and exibility characteristics of elite and recreational climbers. **Journal of Sports Sciences**, v. 14, p. 301-309, 1996.

LOLLO, P. C. B. Perfil dos alunos das academias de ginástica de Campinas, SP. **Revista EF Deportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 76, 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd76/acad.htm>>. Acesso em: 8 nov. 2012.

MERMIER, C. M.; ROBERGS, R. A.; MCMINN, S. M.; HEYWARD, V. H. Energy expenditure and physiological responses during indoor rock climbing. **Journal of Sports and Medicine**, v. 31, n. 3, p. 224-228, Feb. 1997. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1332525/pdf/brjmed00003-0060.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2012.

PAIXÃO, J. A.; COSTA, V. L. M.; GABRIEL, R. E. C. D. O instrutor de esporte de aventura no Brasil: implicações ligadas ao processo ensino aprendizagem. **Revista EF Deportes**, Buenos Aires, v. 14, n. 134, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd134/o-instrutor-de-esporte-de-aventura-no-brasil.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

PEREIRA, D. W.; MANOEL, M. L. O treinamento de escaladores de competição do Estado de São Paulo. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, ano XVI, v. 16, n. 2, p. 108-135, 2008.

RESENDE JR., O. S. **Escalada indoor** – uma nova proposta de trabalho para o professor de Educação Física. 1999. 51 f. Monografia (Graduação em Educação Física)–Faculdade de Ciência da Saúde, Porto Alegre, 1999.

SAMULSKI, D. M.; NOCE, F. A importância da atividade física para a saúde e qualidade de vida: um estudo entre professores, alunos e funcionários da UFMG. **Revista Brasileira Atividade Física & Saúde**, v. 5, n. 1, p. 5-21, 2000.

SARTORATO, R.; SPERANDEI, S. Prevalência de lesões e suas implicações em um muro de escalada *indoor*. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://vomer2.eefd.ufrj.br/~revista/index.php/EEFD/article/view/49/56>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

SCHWEIZER, A. Sport climbing from a medical point of view. **Swiss Medical Weekly**, v. 142, p. 1-9, Oct. 2012. Disponível em: <http://www.smw.ch/scripts/stream_pdf.php?doi=smw-2012-13688>. Acesso em: 8 nov. 2012.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B.; MELLO, R. P. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na mídia. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v15n1/a17v15n1.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2012.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Barueri: Manole, 2001.

ZANETTE, E. T. **Análise do perfil dos clientes de academias de ginástica: o primeiro passo para o planejamento estratégico**. 2003. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Engenharia)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3601/000402416.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 set. 2012.

ZIMMERMANN, A. C. Atividades de aventura e qualidade de vida. Um estudo sobre a aventura, o esporte e o ambiente na Ilha de Santa Catarina. **Revista EF Deportes**, Buenos Aires, v. 10 n. 93, 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd93/sc.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2012.

Contato

Iula Lamounier Lucca
E-mail: iula.unilestemg@bol.com.br

Tramitação

Recebido em 17 de dezembro de 2012
Aceito em 29 de outubro de 2013